

Consolo escatológico: cemitérios, morte e porvir em relatos e obituários adventistas durante a Gripe Espanhola (1918-1920)

Allan Macedo de Novaes¹

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v14i40.58315>

Resumo: De vocação apocalíptica, o adventismo reúne na crença no retorno de Cristo um arcabouço teológico essencial para fundamentar seus discursos e rituais fúnebres de enfrentamento ao luto e à perda. Durante o período da Gripe Espanhola no Brasil e o decorrente aumento no registro de óbitos, a frequência aos cemitérios tornou-se mais recorrente na rotina de serviços religiosos de diversas denominações. Diante desse contexto, o presente artigo procura entender como a Igreja Adventista do Sétimo Dia articulou seu conjunto de crenças distintivas a respeito da morte e do porvir com o papel dos espaços cemiteriais em um período de crise pandêmica, analisando relatos missionários, notícias e obituários nas edições da Revista Mensal de 1918 a 1920. Na análise documental identificou-se três ênfases nos textos analisados, a saber: os cemitérios como espaços de (1) evangelismo, (2) disputa religiosa e (3) confirmação da doutrina, destacando-se a presença de ritos fúnebres marcados por um tom de consolo escatológico.

Palavras-chave: Cemitério; Morte; Religião; Adventismo; Gripe Espanhola.

Eschatological consolation: cemeteries, death, and the afterlife in Adventist reports and obituaries during the Spanish Flu (1918-1920)

Abstract: With an apocalyptic vocation, Adventism considers the return of Christ an essential theological framework to base its funeral speeches and rituals to face grief and loss. During the Spanish Flu period in Brazil and the resulting increase in the death record, attendance at cemeteries became more frequent in the routine of religious services of different denominations. Given this context, this article seeks to understand how the Seventh-day Adventist Church articulated its set of distinctive beliefs about death and the future with the role of cemetery spaces in a period of pandemic crisis, analyzing missionary reports, news, and obituaries in the editions of Revista Mensal from 1918 to 1920. The documentary analysis identified three emphases in the corpus, namely: cemeteries as spaces for (1) evangelism, (2) dispute and (3) confirmation of the doctrine,

¹ Doutor em Ciência da Religião pela PUC-SP com doutorado-sanduiche Capes pela Andrews University e University of Notre Dame. Mestre em Comunicação Social pela Umesp. Bacharel em Teologia e em Jornalismo pelo Unasp. Professor do Mestrado Profissional em Promoção da Saúde e da Faculdade de Teologia do Unasp. E-mail: allanmnovaes@gmail.com.

standing out the presence of funeral rites marked by the tone of an eschatological consolation.

Keywords: Cemetery; Death; Religion; Adventism; Spanish Flu.

Consuelo escatológico: cemeterios, muerte y futuro en informes y obituarios adventistas durante la Gripe Española (1918-1920)

Resumen: Con vocación apocalíptica, el adventismo reúne en la creencia en el regreso de Cristo como un marco teológico esencial en el que basar sus discursos y rituales fúnebres para enfrentar el dolor y la pérdida. Durante el período de la gripe española en Brasil y el consiguiente aumento en el registro de fallecidos, la asistencia a los cementerios se hizo más frecuente en la rutina de los servicios religiosos de diferentes denominaciones. En este contexto, este artículo busca comprender cómo la Iglesia Adventista del Séptimo Día articuló su conjunto de creencias distintivas sobre la muerte y el futuro con el papel de los espacios de cementerio en un período de crisis pandémica, analizando informes misioneros, noticias y obituarios en las ediciones de la Revista Mensal de 1918 a 1920. El análisis documental identificó tres énfasis en los textos analizados, a saber: los cementerios como espacios de disputa, evangelismo y confirmación de la doctrina, destacando la presencia de ritos funerarios marcados por el tono del consuelo escatológico.

Palabras clave: Cementerio; Muerte; Religión; Adventismo; Gripe española.

Recebido em 22/02/2021 - Aprovado em 05/04/2021

1. Introdução

O fenômeno da morte tem sido tema de debate de filósofos, teólogos, artistas e escritores. No entanto, para tais grupos de pensadores, essa discussão frequentemente tem mais que ver com “o destino da alma do que com o destino do corpo” (FIRTH, 2005, p. xv). Ainda assim, o trato dado aos corpos dos mortos e o planejamento e manutenção dos espaços que os abrigam – isto é, os cemitérios – retratam uma rica, importante e complexa teia de objetos de estudo que vão da geografia e antropologia à botânica e climatologia.

Sob a perspectiva da visão do cemitério como espaço de ritos religiosos de passagem, é útil resgatar sucintamente a história da evolução e reorganização desses locais no contexto brasileiro. Durante os períodos do Brasil Colônia e Brasil Império, as igrejas eram os locais que abrigavam os túmulos, sendo os mortos geralmente enterrados nos templos que frequentavam em vida, em uma tentativa de perpetuação do convívio social-comunitário e do vínculo religioso-institucional. Dessa forma, o associar-se à igreja era garantia não somente de bens espirituais, mas também de assistência funeral familiar. Como herança europeia medieval, era comum, portanto, que as igrejas se convertessem

em necrópoles, estabelecendo-se no espaço urbano como locais de devoção religiosa e de sepultamento dos falecidos, onde “coabitavam” vivos e mortos no coração da cidade (PETRUSKI, 2006, p. 98).

Os sepultamentos nas igrejas eram práticas correntes no Brasil Colônia e Império, fato que começou a ser alterado com os decretos imperiais de 1825 e 1828, quando as práticas tradicionais de enterro foram consideradas uma ameaça à saúde pública (REIS, 1991, p. 275 e 279). A ordem urbana brasileira foi afetada por influência do movimento higienista no país e pressionada a mudar pela forte demanda social-sanitária gerada por surtos como os de Febre Amarela ou de Gripe Espanhola (ABREU JÚNIOR e CARVALHO, 2012; COSTA, 2013, p. 66). As topografias médicas da época consideraram as igrejas-necrópoles como áreas doentias e perigosas, e a “erradicação dos focos das chamadas emanações pútridas das cidades” tornou-se uma grande bandeira higienista (RODRIGUES, 2015, p. 259). Foi em 1879 que, a partir do Deputado Saldanha Marinho, que um projeto de secularização dos cemitérios iniciaria um intenso debate na sociedade brasileira. De um lado, políticos argumentavam que a gestão dos cemitérios era uma questão de cidadania e de jurisdição civil. De outro, políticos defendiam a sacralidade do cadáver, do sepultamento e do cemitério, alertando sobre o alto custo do projeto e a grande rejeição do público cristão. Como descreve Rodrigues (2005, p. 286).

Foram estes, pois, os dois grandes lados da disputa pelo controle dos cemitérios e dos mortos nele inumados: os que preconizavam que eles deveriam ser da alçada do poder público e, portanto, civil, e os que acreditavam que deveriam continuar sendo da esfera do poder eclesiástico e sagrado.

A Proclamação da República, em 1889, fez avançar a discussão sobre a secularização dos cemitérios e, como consequência, ocorreu gradativamente perda de poder clerical sobre os espaços cemiteriais e uma reorganização do espaço urbano, até o Código Civil de 1916, que requeria de certa forma que “a morte fosse higienizada” e, sobretudo, “que os mortos fossem expulsos de entre os vivos e segregados em cemitérios extra-muros [sic]” (REIS, 1991, p. 247).

Diante disso, uma das implicações contemporâneas desse processo foi o intensificar da associação de características negativas às necrópoles, tais como superstições macabras, insalubridade e insegurança (ANDRADE JÚNIOR, 2017, p. 413). Esse rótulo depreciativo que está atrelado ao imaginário popular contemporâneo, curiosamente, convive com a frequente atribuição religiosa de sentimentos e pensamentos de nostalgia, fé, conforto e esperança, geralmente derivados de ritos de passagem. Esse diálogo entre as experiências e representações de morte e salvação a partir dos cemitérios é tema do presente artigo, que investiga essa relação aparentemente paradoxal, mas certamente não incomum, entre o morrer e o crer.

Entre as diversas tradições de matriz protestante/evangélica no Brasil, a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) possui um conjunto de narrativas e crenças sobre a morte e o pós-vida que podem ser consideradas peculiares em comparação com a maior parte das tradições já mencionadas. Por consequência, a tradição adventista compreende a morte como o fim da existência integral do indivíduo, rejeitando a crença na “sobrevivência” não-corpórea da alma ou do espírito.

Por outro lado, a tradição adventista é orientada em suas origens e discurso por uma vocação apocalíptica, com ênfase no retorno literal e visível de Jesus Cristo, ocasião quando se encontrarão nos ares com o Messias os assim chamados justos – os vivos e os mortos, que ressuscitarão em corpo, preservadas sua memória e identidade. Essa perspectiva antropológico-escatológica é essencial para fundamentar os discursos de enfrentamento ao luto e à perda, promovendo consolo e esperança. Portanto, estudar o papel que o cemitério desempenha nos relatos e narrativas adventistas permite conhecer e compreender como essa tradição religiosa articula os espaços cemiteriais – plenos em rituais e ritos sagrados – com seu conjunto de crenças distintivas a respeito da morte e do porvir.

Diante desse objetivo, o presente artigo se propõe a analisar a presença do cemitério e os sentidos atribuídos a ele em relatos missionários e obituários nas edições da *Revista Mensal*, órgão geral da IASD no Brasil, durante o período da pandemia de Gripe Espanhola no país em 1918 a 1920. A análise documental, com elementos de análise do conteúdo, foi feita a partir do *Acervo Revista Adventista*² disponibilizado gratuitamente na internet pela Casa Publicadora Brasileira, editora da IASD. Nos trechos analisados avalia-se o papel que os cemitérios cumprem como arena onde visões religiosas de morte e salvação colidem entre si.

O presente artigo, portanto, divide-se em três partes: (1) uma breve apresentação do adventismo do sétimo dia, com ênfase em sua perspectiva escatológica da salvação, da morte e do porvir, bem como o impacto desse viés em suas práticas fúnebres; (2) uma breve apresentação sobre o contexto da Gripe Espanhola no Brasil e a postura da IASD diante dessa pandemia; e (3) os resultados da análise documental e a identificação de ênfases a partir dos sentidos atribuídos ao cemitério em articulação com as crenças adventistas sobre a morte no discurso da *Revista Mensal* de 1918 a 1920.

² O *Acervo Revista Adventista* disponibiliza exemplares de 1906, data de início da publicação, até 2020, totalizando 1.300 edições da revista, e incluindo a possibilidade de usar ferramenta de busca nas mais de 30 milhões de palavras indexadas. O endereço eletrônico do acervo é: <https://acervo.cpb.com.br/ra>.

2. O adventismo e os mortos: consolo escatológico

Com base nas interpretações proféticas dos livros de Daniel e Apocalipse na Bíblia Cristã, os adventistas acreditam que o mundo está caminhando para o fim. Essa crença advém do milerismo, um movimento de avivamento liderado pelo ministro norte-americano batista William Miller (1782-1849), que anunciou que Cristo voltaria na década de 1840 (BLISS, 1853, p. 171-172). Com base em cálculos de tempo que resultaram de sua interpretação da profecia de 2.300 noites e manhãs de Daniel 8:14 e a profecia de 70 semanas de Daniel 9, entre outros textos, Miller concluiu que no fim desse tempo Jesus voltaria à Terra e purificaria o planeta. Grupos mileritas estabeleceram até 20 datas diferentes para esse evento, mas a mais significativa de todas elas foi, sem dúvida, 22 de outubro de 1844, que os adventistas chamam de “O Grande Desapontamento”, já que Cristo não retornou à Terra. A Igreja Adventista do Sétimo Dia originou-se de um grupo que ressignificou 22 de outubro de 1844: nessa data não teria ocorrido a volta de Jesus, mas sim a mudança de fase no ministério sacerdotal de Cristo no santuário celestial. Portanto, os adventistas afirmam serem os verdadeiros herdeiros do movimento milerita (BULL; LOCKHART, 2007, p. 53).

De 1845 a 1848, os primeiros adventistas chegaram a um consenso em algumas crenças básicas, entre elas o retorno literal e visível de Jesus e a inconsciência dos seres humanos na morte. Essas doutrinas distinguiam os adventistas sabatistas de outros grupos mileritas pós-1844 e dos protestantes em geral. Elas se conectavam pela ideia de que a morte significava inexistência, de forma que no retorno de Cristo os justos seriam corporalmente ressuscitados.

A crença adventista na imortalidade condicional tinha que ver com a natureza do ser humano e com o estado dos mortos. A antropologia cristã esteve historicamente vinculada à filosofia dualista grega, com a noção de que as pessoas nascem imortais, no sentido de que, grosso modo, quando se morre, o espírito ou alma vai para o céu ou para o tormento do inferno (BACCHIOCCHI, 2007; CULLMANN, 2000). Todavia, no decorrer da história poucos foram os grupos que enxergaram a questão da natureza humana a partir de uma perspectiva hebraica, negando a imortalidade inata. O adventismo acabou se tornando mais um representante dessa minoria cristã, por influência do pastor metodista George Storrs (1796-1879) ainda na época do milerismo. Outra fonte foram os líderes adventistas que tinham vindo da igreja Conexão Cristã, muito influente na época, e que era um dos maiores exemplos do restauracionismo protestante daqueles dias, propondo-se superar “os desvios teológicos surgidos durante a história da igreja cristã” e retornar ao cristianismo do Novo Testamento (KNIGHT, 2005, p. 74).

A partir das doutrinas promovidas por Storrs e pela Conexão Cristã, o adventismo do sétimo dia passou a advogar duas perspectivas teológicas: o condicionalismo e o aniquilacionismo (BULL; LOCKHART, 2007, p. 89; KNIGHT, 2005, p. 73-75; PAROSCHI, 2017). O condicionalismo é a crença segundo a qual as pessoas não nascem imortais, mas recebem a imortalidade como resultado de sua fé em Cristo, e o aniquilacionismo é a crença de que as pessoas, por não possuírem imortalidade inata, perecerão no fogo do juízo, em vez de serem torturadas eternamente (BACHIOCCHI, 2007; CROCKETT, 1996; ANDREASEN, 2011, p. 382). Ellen White (1827-1915), cofundadora da denominação e considerada profetisa por seus membros, também foi uma das promotoras dessas perspectivas sobre a natureza do ser humano e o estado dos mortos, advogando que elas se integravam perfeitamente aos outros elementos da teologia adventista, em especial às doutrinas do juízo e do segundo advento (KNIGHT, 2005, p. 75). Dessa forma, tendo a volta de Jesus como elemento primário do pensamento adventista, derivou-se uma compreensão da natureza do ser humano e da morte que, por consequência, determinou, de certa forma, a perspectiva adventista de salvação (BULL; LOCKHART, 2007, p. 89).

Na crença adventista, por ocasião do retorno de Jesus, os justos que morreram serão ressuscitados e, juntamente com os justos que estiverem vivos, serão trasladados ao céu com o corpo revestido de incorruptibilidade (BRUNT, 2011, p.390). Levando-se em conta que o adventismo não considera que o espírito seja um elemento que vive no corpo-matéria e que sobrevive após a decomposição dele, foi natural entender que a morte é o fim da existência. E isso reforçou a crença no retorno de Jesus, pois, se após a morte almas imortais vão para o céu e o inferno, não haveria necessidade da volta de Jesus, da ressurreição dos mortos e do juízo (BULL; LOCKHART, 2007, p. 89).

Logo, no que se refere às práticas e serviços fúnebres, os adventistas não creem que haja quaisquer rituais que encomendam uma boa morte, no sentido medieval do termo, por não entender o falecimento como rito de passagem do reino terreno para o mundo espiritual, uma vez que “a morte não transporta o justo diretamente para o Céu nem o ímpio diretamente para o inferno” (ANDREASEN, 2011, p. 385). Não há, no adventismo, a necessidade de rezar pela alma, de performar gestos ou de fazer oferendas, por acreditar que “durante a morte não há experiência consciente, seja conhecimento, planejamento ou pensamento” (ANDREASEN, 2011, p. 386). É por essa razão que o seguinte verso bíblico é extensivamente usado pela denominação em seus discursos e estudos doutrinários,

[...] os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco terão eles

recompensa, mas a sua memória fica entregue ao esquecimento. Também o seu amor, o seu ódio, e a sua inveja já pereceram, e já não têm parte alguma para sempre, em coisa alguma do que se faz debaixo do sol (Eclesiastes 9:5,6, Almeida Corrigida e Fiel).

Os rituais funerários adventistas ocorrem com frequência nas igrejas e costumam incluir música, canto, leituras das Escrituras, sermão e preces, devendo priorizar a simplicidade sobre a extravagância (WHITE, 2015, p. 173). Um roteiro para condução de serviços religiosos em funerais, descrito em documentos oficiais para ministros adventistas, aponta para a seguinte sequência: (1) acomodação da família, (2) leitura da Bíblia e oração, (3) música de conforto, (4) sermonete fúnebre e obituário, (5) testemunhos, (6) sermão, (7) oração e (8) música de conforto (GUIA PARA MINISTROS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, 2010, p. 196 e 197). Na tradição adventista, não há orientações específicas sobre o preparo e destino do corpo para além das legais-convencionais; pode se enterrar ou cremar o falecido, sendo mais comum a primeira opção (HEALTHCARE SERVICES INTERCULTURAL GUIDE, 2009, p. 198). Isso porque aquilo que se chama como ressurreição é visto, na verdade, como uma recriação e, sendo assim, na crença adventista não há necessidade de preservação de restos mortais para que Deus reviva o falecido (PAROSCHI, 2017, p. 42; GUIA PARA MINISTROS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, 2010, p. 201).

Uma vez que nos rituais funerários adventistas se pressupõe a crença de que o falecido deixou de existir, os serviços religiosos tendem a se concentrar na esperança da ressurreição e de um reencontro por ocasião da volta de Jesus. Isso se reflete nos discursos religiosos, que apontam para o consolo do reencontro escatológico: “o sermão fúnebre deve ser realista em relação à morte e esperançoso com respeito à ressurreição” (GUIA PARA MINISTROS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, 2010, p. 197). Crê-se que o funeral é uma oportunidade ímpar para comunicar consolo escatológico, isto é, a esperança da ressurreição em Cristo, pois “não há ocasião quando os corações estão mais suscetíveis às boas novas do evangelho” (MOFFET, 1940, p. 24).

As práticas religiosas adventistas em funerais também envolvem a postura dos enlutados, que procuram consolar uns aos outros mais do que se dirigir ao falecido, pois creem que ele não existe mais. Por esse mesmo motivo, nos serviços religiosos fúnebres as preces são feitas em favor dos enlutados, com intuito de conforto e consolo, e não

para encomendar a alma do falecido³. Todavia, o consolo escatológico, em tese, não pretende reprimir o luto e a dor da perda, que se espera que sejam respeitados pelos crentes que dão suporte aos enlutados. Pode haver, contudo, certa expectativa não enunciada de que o choro e a tristeza não escalem em níveis excessivamente traumáticos ou desesperadores, pois se acredita que a esperança da ressurreição seria o consolo do crente, o que impediria tais “arroubos” comportamentais – perspectiva que se conecta com a descrição sobre o espaço dos testemunhos em funerais, de acordo com o Guia para Ministros Adventistas do Sétimo Dia (2010, p. 197):

Algumas pessoas acham reconfortante dar ou ouvir testemunhos daqueles que assistem ao funeral. Embora isso possa ser útil em algumas ocasiões, essas memórias podem se tornar muito extensas, excessivamente emotivas ou inadequadamente pessoais.

Há sim espaço para o luto “convencional”, mas que ele preferencialmente não se sobreponha ao conforto do “grande dia” ou ao consolo da “manhã da ressurreição”, expressões usadas para se referir à volta de Jesus e à ressurreição dos justos.

3. Gripe Espanhola e a reação da IASD

Em 1918, o mundo estava em guerra quando as primeiras notícias sobre uma gripe letal começaram a aparecer. Foram três grandes ondas de disseminação da *Influenza*, que seria chamada erroneamente de Gripe Espanhola, em um claro exercício de xenofobia típico de períodos bélicos (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 16). A primeira, em março e abril de 1918 que atingiu rapidamente Europa, Ásia e o norte da África. A segunda onda foi mais letal e ocorreu em agosto de 1918, alcançando todos os continentes do globo e reaparecendo em uma terceira onda tardia em 1919. A rápida disseminação do vírus ocorreu pela extensa malha ferroviária da época e pelos navios a vapor, somado aos movimentos de larga escala produzidos pela Primeira Guerra Mundial (PHILLIPS; KILLINGRAY, 2003, p. 6). Estudiosos não chegam a um consenso sobre a quantidade de pessoas mortas pela pandemia de Gripe Espanhola, mas estima-se que sejam entre 40 a 100 milhões. No Brasil, a Gripe Espanhola chegou em setembro de 1918 no navio a vapor Demerara, vindo de Lisboa e Dakar, deixando imigrantes em Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos, antes de seguir para o Uruguai e a Argentina. A capital federal do Brasil, na época, foi a cidade mais atingida, com mais de 60% da população

³ Dada a presença do adventismo em dezenas de países e culturas, há relatos e estudos que apontam para uma tensão entre a crença no estado dos mortos como compreendida nos documentos eclesiais oficiais da denominação e práticas religiosas e culturais nativas em diversos círculos adventistas, especialmente em contextos africanos e asiáticos, como demonstram Keller (2005), Mukuka (2021) e Guyen (2021).

contagiada, o dobro da porcentagem de cidadãos infectados no país inteiro, na época ainda majoritariamente rural (GOULART, 2005).

A pandemia gerou um colapso no sistema de saúde brasileiro em grandes cidades como Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, sendo popularmente atribuída a ela a morte do presidente eleito do Brasil, Rodrigues Alves, associação contestada por Schwarcz e Starling (2020, p. 301-304, 316) e tratada pelas autoras como lenda urbana que se transmitiu no tempo até os dias atuais. A pandemia também provocou uma renovação do interesse pelo conhecimento sanitário que culminou na reestruturação do sistema público de saúde brasileiro e na elaboração de uma política sanitária alinhada com a comunidade científica e higienista da época (BREITNAUER, 2019, p. 65; QUEIROZ, 2004; GOULART, 2005).

A Gripe Espanhola, como geralmente ocorrem com grandes surtos de doenças mortais, ganhou conotações religiosas. Foram três as principais razões: associação com a primeira grande guerra, outro evento que por si só recebia sentido escatológico de diversos movimentos religiosos; alcance global do vírus; e caráter aleatório das fatalidades, uma vez que a doença era particularmente letal para adultos entre os 20 e 40 anos de idade – e não somente para grupos de risco, como terceira idade e pessoas com comorbidades (OLDSTONE, 2010, p. 307; BARRY, 2004, p. 4; KOLATA, 1999, p. 4 e 5; SPINNEY, 2017, p. 76 e 77; SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 29).

Durante a crise da gripe, a liderança da IASD ficou preocupada com a possibilidade de que interpretações religiosas extremistas pudessem afastar os membros das atividades de assistência social durante a crise sanitária. Por essa razão, os líderes adventistas promoveram um chamado para o serviço, criticando uma atitude “holier-than-thou”, ou “mais santo que você”, em tradução livre, que explicava a enfermidade como resultado da infidelidade religiosa e da transgressão à mensagem adventista de saúde⁴, especialmente às orientações de alimentação, e que levava as pessoas a dizer: “Se comesse como eu, você escaparia dessas pragas” (RUBLE, 1918, p. 16).

Em 1918, o presidente mundial da IASD fez um apelo para que cada adventista orasse para que a libertação fosse enviada “à humanidade aflita” e “que nossos queridos irmãos e irmãs” fossem protegidos, defendendo a ideia de que os membros pudessem se tornar “mensageiros de luz e vida, dando aos outros o conhecimento dos princípios de saúde mantidos por nós como um povo” (DANIELS, 1918, p. 16). Assim, a IASD reagiu à tragédia da Gripe Espanhola na saúde pública produzindo material instrucional,

⁴ O adventismo do sétimo possui uma forte vocação à saúde, o que inclui, entre outras coisas, combate ao consumo de álcool e tabaco, além de orientações dietéticas que envolvem restrição à ingestão de determinados alimentos, como a carne suína, frutos do mar, café etc.

fazendo planos de contingência para grandes eventos da igreja e provendo recursos a seus hospitais e clínicas para que pudessem ajudar os doentes (CAMPBELL, 2020).

A *Review and Herald*, periódico oficial da IASD em inglês, publicou vários artigos para informar seus leitores sobre “o caráter da doença e seu tratamento doméstico” (REVIEW AND HERALD, 1918, p. 16). A denominação publicou um livreto intitulado *Epidemics: How to Meet Them*, contendo instruções sobre a epidemia e descrevendo tratamentos de saúde simples para ajudar as pessoas a se recuperarem em casa (HANSEN ET al., 1919). O panfleto se tornou um best-seller entre a membresia adventista em toda a América e foi traduzido para vários idiomas, incluindo o português.

A sede mundial da IASD votou uma resolução intitulada “Organizando Igrejas para Trabalho de Emergência” em 11 de outubro de 1919, estabelecendo que “tudo o que for possível seja feito por conferências para reunir nossas igrejas” e ajudar os necessitados, “chamando nossos médicos disponíveis e enfermeiras para instruir e dirigir esse trabalho”, a fim de dar “a atenção imediata e plena que a situação exigir” (GENERAL CONFERENCE COMMITTEE MINUTES, 1919, p. 412). Em 1920, devido à uma campanha de assistência humanitária bem-sucedida e reconhecida pelas autoridades de saúde da cidade de Nova York, outra resolução foi feita: “que o presidente nomeie um comitê para redigir uma declaração de um apelo ao nosso povo para se colocarem ao serviço, especialmente em vista da situação mundial” (GENERAL CONFERENCE COMMITTEE MINUTES, 1920, p. 636).

As ações da sede mundial da IASD durante a pandemia de Influenza foram de alguma forma replicadas no contexto brasileiro. Houve, no entanto, algumas dificuldades para a aplicação dos planos de contingência em relação aos grandes eventos. Um exemplo foi uma reunião da sede brasileira da IASD em 1920, quando mais de 400 adventistas se reuniram nas instalações de um seminário entre 15 de abril e 1º de maio, resultando em um surto de Influenza entre alguns dos pastores, professores e alunos (STEEN, 1920, p. 13). Por outro lado, a editora adventista brasileira desempenhou um papel importante em instruir os membros e ajudar a divulgar a mensagem adventista com folhetos, livros e panfletos. Um grande exemplo desse esforço foi a tradução para o português do tratado *Epidemics: How to Meet Them*, publicado provavelmente entre 1920 e 1921. Com uma estrutura eclesiástica mais modesta e um desenvolvimento mais recente quando comparados ao dos Estados Unidos, a IASD brasileira teve a *Revista Mensal* como seu meio mais importante para orientar os membros durante a Gripe Espanhola (NOVAES, 2021, p. 33). Por ser o boletim oficial da igreja na época, incluía vários artigos traduzidos da *Review and Herald*, aos quais acrescentavam relatórios e artigos de pastores e missionários brasileiros. Em geral, a *Revista Mensal* levava aos membros da igreja materiais instrutivos de saúde sobre a Gripe Espanhola como uma medida de precaução contra a

pandemia e, ao mesmo tempo, aproveitava a crise social e sanitária como oportunidade de ação evangelística (HOSOKAWA ET AL. 2016, p. 131-32). O periódico reforçou as crenças escatológicas dos membros da igreja atribuindo à ação divina ou satânica a causa da pandemia, de forma que a grave crise em que o mundo e o Brasil se encontravam à época era interpretada como sinal da volta de Jesus, do fim dos tempos e do juízo final (NOVAES, 2021, p. 35-38). De certa forma, essa ênfase da revista relegava a crise sanitária e social do país ao segundo plano, priorizando em seu discurso o anúncio de uma mensagem de julgamento e do retorno iminente de Jesus Cristo (NOVAES, 2021, p. 41).

4. Análise de matérias da Revista Mensal (1918-1920)

Para um estudo do cemitério como arena de visões de morte e salvação em relatos adventistas durante a Gripe Espanhola (1918-1920) o corpus escolhido foi a *Revista Mensal*, órgão oficial da IASD. A *Revista Mensal* começou em 1906 como *Revista Trimensal*, algumas décadas após a chegada dos primeiros adventistas ao Brasil. Em 1908, passou a ser um boletim mensal e, por esse motivo, teve seu nome alterado para *Revista Mensal*; todavia, em 1931, passou a se chamar *Revista Adventista*⁵, em validade até hoje (GREENLEAF 2011, p. 120). A história da IASD no Brasil se confunde com a história da *Revista Mensal*, cuja missão e foco era promover o discurso institucional ao longo das décadas. Por sua história e características, a *Revista Mensal* é uma das fontes mais ricas e confiáveis para o estudo da memória institucional e do discurso eclesial adventista. Na verdade, tornou-se uma importante fonte e objeto de análise em diversos estudos recentes sobre o adventismo brasileiro (MENDONÇA, 2014; FOLLIS, 2017; NOVAES; CARMO, 2017; FURTADO, 2019; NOVAES, 2021), e por esse motivo foi escolhida como corpus neste estudo.

Logo, foram selecionados textos da *Revista Mensal* entre janeiro de 1918 a dezembro de 1920 no *Acervo Revista Adventista*. Objetivou-se fazer um levantamento e estudo com elementos de análise de conteúdo, buscando-se as seguintes palavras: cemitério, lápide, tumba, sepulcro, mortuário, necrópole, sepultura, sepultamento, enterro e túmulo, totalizando dez, e mais suas variantes. Foram 50 ocorrências encontradas no período analisado, distribuídos entre relatos missionários, notícias e obituários. As palavras “lápide”, “sepulcro” e “tumba” não foram encontradas no período analisado. “Necrópole” possuiu três ocorrências; “sepultamento”, cinco ocorrências;

⁵ Para se ter uma ideia do alcance atual da *Revista Adventista*, estima-se que sua tiragem seja de 146 mil exemplares, com base na última vez que o periódico apresentou esses dados, o que ocorreu na seção “Expediente” da edição de abril de 2020. De lá para cá, a revista não informou mais a quantidade de exemplares impressos por edição.

“mortuário(a)”, sete ocorrências; “túmulo”, sete ocorrências; “enterro”, sete ocorrências; “sepultura”, nove ocorrências; e “cemitério”, 12 ocorrências.

Após uma primeira leitura dos excertos nos quais se encontravam as dez palavras buscadas no *Acervo Revista Adventista*, foram excluídos os textos que não tratavam diretamente do cemitério e da Gripe Espanhola. Foram também desconsiderados textos que traziam um sentido metafórico aos termos buscados, como quando, por exemplo, “sepultamento” foi usado como sinônimo de batismo ou conversão – o sepultamento ou morte da “natureza carnal”. Depois dessa filtragem, tomando como base uma taxonomia de gêneros textuais de comunicação de Melo e Assis (2016) e adaptando-a ao corpus analisado, os textos restantes foram identificados como pertencendo a um de três gêneros: relato missionário, notícia ou obituário.

A maior parte dos termos buscados encontram-se no gênero relatos missionários e obituário, o que pode ser explicado por alguns fatores. O adventismo se instaurou no Brasil, na década de 1890, por meio do envio de literatura religiosa de língua alemã e inglesa e pela visita de missionários de ascendência germânica, o que fez com o adventista brasileiro fosse composto por grupos pequenos espalhados pelo interior rural do Sul e Sudeste do país (SCHUNEMANN, 2003, p. 31). Mesmo após 1902, quando esses grupos se organizaram em uma associação com 15 congregações e 860 membros, a comunicação entre eles era um tanto quanto esparsa e irregular, dadas as condições tecnológicas, logísticas e geográficas da época (GREENLEAF, 2011, p. 48). Por isso, os obituários na *Revista Mensal* eram uma forma de informar à comunidade adventista o passamento de seus pares⁶. Mesmo que as informações dos obituários estivessem destinadas ao registro do falecimento, havia também um quê de celebração da vida por meio de uma descrição elogiosa, mesmo que breve, do perfil e dos feitos do falecido, típico desse gênero textual-jornalístico (SEMMLER; DAROS, 2018).

Já os fatores que explicam a grande quantidade de relatos missionários na busca têm relação com o fato de que os adventistas, em seu início no país, estavam preocupados com a expansão da igreja. Por esse motivo, os relatos dos missionários compunham uma boa parte das comunicações que a igreja fazia aos seus membros por meio das publicações, pois os relatórios de missão geralmente despertavam um senso de aventura e admiração pela bravura dos que viajavam para lugares incomuns e inóspitos. Os missionários, românticos e visionários, eram os protagonistas dessas narrativas, muitas

⁶ Os obituários continuam presentes atualmente na *Revista Adventista*, na seção chamada “Memória”, e somam cerca de 15 mil nomes registrados desde a primeira edição, em 1906. Em 2018, a *Revista Adventista* lançou um documentário para a web, que destaca a importância da seção de obituários para a membresia, intitulado “Em memória”, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=vOp7rBQsKsI>.

vezes descritos como heróis que lutavam em nome da religião e da civilização cristã (SILVA 2011, p. 36; HUTCHISON, 1987, p. 18). Dessa forma, a *Revista Mensal*, especialmente por meio das narrativas sobrenaturais e extraordinárias dos missionários, funcionou como um elemento de identidade que uniu os adventistas em todo o extenso território brasileiro, motivando-os a cumprir a missão de pregar a mensagem adventista a um país essencialmente rural e católico (NOVAES, 2021, p. 33-34).

Em uma leitura atenta dos relatos missionários, notícias e obituários que reúnem ao menos um dos termos consultados, percebe-se sentidos e temáticas recorrentes, de forma que é possível classificar o papel que o cemitério ocupa no tocante aos temas de morte e salvação na narrativa da *Revista Mensal* em três ênfases. Os cemitérios são abordados e explorados no discurso do periódico como: (1) espaços de evangelismo, predominantemente presentes em relatos missionários e notícias, (2) espaços de disputa religiosa, predominantemente presentes em relatos missionários, e (3) espaços de confirmação da doutrina, predominantemente presentes em obituários.

A partir dessa classificação selecionou-se uma amostra de textos representativos que, não somente exemplificam a tipologia aqui proposta, mas também trazem luz aos sentidos de morte e salvação que rondam o lugar do cemitério nas narrativas adventistas da *Revista Mensal*. Cabe ressaltar que todos os textos citados de forma direta e literal nesta parte serão reproduzidos tal qual se encontram registrados no periódico, conforme a norma culta da língua portuguesa de um século atrás e, por esse motivo, diferem da grafia atual⁷.

4. 1. Cemitério como espaço de evangelismo

Uma parte dos textos analisados trazem a descrição do cemitério como espaço de evangelismo. Neles os autores constroem a ideia de que os enlutados presentes – especialmente os não adventistas – são, na verdade, candidatos ao batismo, e os espaços cemiteriais, campos de evangelismo. O exemplo que mais se destaca nessa categoria é a notícia intitulada “Signas dos Tempos para o mez de novembro”, na edição de outubro de 1919. Nessa notícia, os editores da *Revista Mensal* conclamam os leitores/membros a aproveitarem o Dia de Finados para entregar a revista missionária *Signaes dos Tempos*. A referida revista tem uma longa história. Primeiramente, apareceu como *Signs of the Times* em 1840 nos Estados Unidos, sendo interrompida em 1844, após o Grande Desapontamento. Em 1874 ela retornou sob a liderança de James White (1821-1881), um

⁷ Para fins estilísticos e históricos e dada a grande quantidade de ocorrências, não será usada a expressão “sic” após termos que apresentarem grafia correspondente ao período de 1918-1920 que sejam diferentes das indicadas pela norma culta da língua portuguesa atualmente.

dos co-fundadores da IASD, e esposo de Ellen White. De lá para cá, edições com filosofia e nomes equivalentes surgiram em diversos países, sempre com perspectiva de análise de temas contemporâneos sob a ótica da escatologia adventista. No Brasil, a revista começou como *Arauto da Verdade*, em 1900. Depois, em 1918, no ano que começou a pandemia de Influenza, tornou-se *Signaes dos Tempos*. Entre pausas e recomeços, a revista foi renomeada como *Atalaia*, em 1923, depois *Decisão*, em 1982, e enfim *Sinais dos Tempos*, em 1997, até ser descontinuada como publicação periódica em 2003 (BENEDICTO, 2003, s/p).

A visita ao cemitério, não somente como momento de prestar honra à memória dos falecidos ou de performar algum ritual religioso, também era encarada pela tradição adventista como oportunidade para investida evangelística. O feriado de finados, portanto, era considerado uma chance para a disseminação da mensagem adventista, em especial a da crença na morte como inexistência e a esperança da ressurreição por ocasião do retorno de Cristo. No discurso da *Revista Mensal* fica evidente que a publicação da *Signaes dos Tempos* tinha sido planejada contando que o grande número de fatalidades provocados pela Gripe Espanhola iniciadas um ano antes provocaria um afluxo considerável de visitantes às necrópoles. Esse momento de vulnerabilidade seria propício para a transmissão da “luz da verdade”, como os adventistas se referiam às suas doutrinas distintas.

Visto ocorrer este anno o primeiro aniversario da gripe hespanhola ao nosso país, devendo por esta razão ser maior do que de costume a concorrência para os cemiterios, resolvemos aproveitar esta ocasião para lançar uma forte campanha com o Signaes dos Tempos. Para este fim temos preparado um excelente número de nosso jornal, tratando sobre a questão da imortalidade e ressurreição. A mór parte dos artigos, que serão ilustrados por grande número de apropriadas gravuras, foram escritos especialmente para esta ocasião pelos obreiros mais experimentados de nossa obra no Brasil, os quaes, habilitados por longa experiencia no trabalho neste paiz, estão melhor no caso de offerecer ao povo brasileiro o alimento espiritual de que elle precisa (REVISTA MENSAL, 1920, p. 16).

Como demonstrado, a estratégia evangelística no espaço cemiterial concentra-se na distribuição de literatura religiosa. Isso se explica pelo fato de que, assim como a

Reforma Protestante do século 16, o adventismo também tem sua gênese ligada à centralidade do texto bíblico e à valorização da mídia impressa. Além disso, a compreensão “profética” da importância da publicação impressa no cumprimento da missão adventista mediante os sonhos e visões atribuídas a Ellen White, e a importância que os escritos dos pioneiros tiveram para a consolidação da identidade da denominação, permite que a tradição adventista seja descrita como possuindo uma orientação textocentrada (NOVAES, 2018, p. 41).

Sob essa lógica, a revista *Signaes dos Tempos* cumpre o papel sacro de “palavra impressa”, cujo conteúdo se caracteriza por forte teor doutrinário-apologético, com foco na apresentação das crenças adventistas ligadas à natureza humana, da morte e do porvir. Os membros, por sua vez, são convocados a cumprir a missão de “pregar o evangelho” por meio da literatura impressa, sendo mobilizados para adquirir o material junto à editora da denominação, à época chamada Sociedade Internacional de Tratados no Brasil, e distribuí-los nos cemitérios de todos o país.

[...] Apellamos pois a todos os obreiros, directores de egrejas e grupos, secretarios de sociedades de tratados e colportores, e irmãos em geral para que, unidos, aproveitem esta ocasião para espalhar a luz da verdade. Será conveniente que os irmãos se organizem em grupos, os quaes, postando-se às entradas dos cemitérios, devem offerecer este número 11 do *Signaes dos Tempos* aos que vão passando (REVISTA MENSAL, 1920, p. 16).

Esse tipo de abordagem missionária de distribuição de folhetos e livretos em cemitérios durante o Dia de Finados, registrada pela *Revista Mensal* durante a Gripe Espanhola, é prática adventista recorrente hoje em dia. Reportagens da *Revista Adventista* narram ações como essas, entre elas, por exemplo, a notícia da produção de um DVD⁸ com o objetivo de “apresentar de maneira relevante a visão bíblica sobre a morte”, que deveria ser distribuído por membros da denominação a enlutados durante visitas a cemitérios no Estado de São Paulo durante o Dia de Finados (TONETTI, 2017). Há também matérias no portal de notícias oficial da IASD, entre elas a que narra a ação do “Projeto Bálsamo”, realizado pela denominação em Itaguaí, Rio de Janeiro, que consiste na distribuição de folhetos missionários por adultos e crianças em cemitérios no Dia de

⁸ O DVD, de 2017, consistia em um curta-metragem de aproximadamente 20 minutos intitulado “Da minha história este não é o fim”, disponível no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=bXnoq9aXBv4&t=1s>.

Finados (NOTÍCIAS ADVENTISTAS, 2013). Há relatos de ações missionárias adventistas no Dia de Finados até mesmo em veículos jornalísticos não-religiosos, como a do “Pequeno Grupo Por Amor”, de Maceió, Alagoas, retratada no portal de notícias *G1*. Os membros adventistas da cidade de Maceió que fazem parte do projeto “entregam de graça livros litúrgicos com mensagem de esperança [...] em cemitérios há quatro anos” (FARIAS, 2014). Os exemplos noticiosos relatados apontam para a realidade de que tratar o cemitério como espaço de evangelismo, conforme descrito nos relatos da *Revista Mensal* entre 1918 a 1920, especialmente através da distribuição de folhetos religiosos no Dia de Finados, ainda é prática comum entre diversos grupos de adventistas brasileiros um século depois.

4.2. Cemitério como espaço de disputa religiosa

Outro grupo de textos analisados, e cabe ressaltar que é o menor deles, trata os cemitérios como um palco de disputa religiosa. O exemplo mais claro dessa abordagem encontra-se na edição de abril de 1919 da *Revista Mensal*. No relato missionário intitulado “Theophilo Ottoni”, H. Hoeffft narra as desventuras de sua equipe de colportores, isto é, missionários-vendedores de literatura religiosa e de saúde, que tentavam chegar até a cidade mineira que dá nome ao relato. Durante a viagem, uma vez que um dos missionários manifestava sintomas de *Influenza*, decidiram parar na cidade mais próxima àquela altura – Diamantina.

Chegados que fomos em Diamantina, sentimo-nos bastante fatigados, e, por cima, um dos rapazes caiu doente: era a Influenza Espanhola. Dentro de poucos dias mais três rapazes foram atacados por ella. Eis nos pois ahi, todos doentes; o que deviamos fazer? Esperámos oito dias, mas a moléstia nada diminuiu. Resolvemos voltar a Rio Preto, uma pequena villa a cerca de 8 leguas distante de Diamantina. Dois dias depois de nossa chegada a esse lugar, um dos rapazes, Jonas Camara, caiu doente, e só viveu pouco tempo depois, vindo a fallecer no oitavo dia (HOEFFFT, 1919, p. 12).

Rio Preto, mencionada no relato missionário, era na época um distrito da cidade de Diamantina (MINAS GERAIS, 1911). Já no Recenseamento Geral de 1920, o distrito figurava como São Gonçalo do Rio Preto, depois sendo nomeado Felisberto Caldeira em 1923, sendo elevado à categoria de município em 1962 (IBGE, s/d). Em

1986, o município de Felisberto Caldeira voltou a ser chamado São Gonçalo do Rio Preto, nome que mantém até hoje.

Identificado a “villa” de Rio Preto como a cidade mineira de São Gonçalo do Rio preto, segue-se com a narrativa de Hoeffft (1919, p. 12), que relata ter enfrentado muitos impeditivos para poder sepultar o colega, como consta a seguir.

Deparámos com muitas dificuldades para obter um lugar onde o podessemos sepultar, visto o padre não querer aceitá-lo no cemitério. Afinal, porém, permitiu que o enterrassemos fora do muro do cemitério. (REVISTA MENSAL, 1920, p. 16).

Apesar de não citar o local exato, provavelmente a necrópole à qual o missionário se refere é hoje o Cemitério Municipal de São Gonçalo do Rio Preto. Algumas informações histórico-legislativas parecem contradizer a veracidade do relato missionário. Em primeiro lugar, o texto constitucional pós-instauração da República de 1891 preconizava que os cemitérios teriam caráter secular e seriam administrados pela autoridade municipal, conferindo liberdade a todo e qualquer culto religioso para a prática de ritos em relação aos seus crentes. Em segundo lugar, um dos eventos de consolidação do projeto de secularização dos cemitérios no Brasil foi a promulgação do Código Civil de 1916, que regulamentava o registro de nascimentos, matrimônios e óbitos – território por muito tempo sob domínio clerical. Logo, a depender da estrutura legal à época, seria de se esperar que o missionário não sofresse os impeditivos por ele descritos.

Todavia, em 1919, a provável histeria diante da “Hespanhola” somada à rivalidade histórica entre católicos e protestantes no país⁹, podem ter sido justificativas para uma atitude clerical proibitiva. Ainda assim, como bem observou Rodrigues (2014, p. 262), “os costumes fúnebres efetivamente não mudam tão rápido como alguns segmentos da sociedade [...] poderiam desejar”, ou seja, mesmo anos após a legislação de 1891 e 1916, regiões interioranas, como era o caso de São Gonçalo do Rio Preto naquela época, poderiam apresentar resistência ou dificuldades em incorporar a configuração legal prevista.

Seja como for, esse relato missionário exemplifica o papel que o cemitério desempenhava como espaço de disputa religiosa no discurso da *Revista Mensal*. O conflito entre católicos e protestantes está presente, e o relato missionário o apresenta como uma

⁹ Para aprofundar em estudos sobre disputas religiosas entre protestantes e católicos nos séculos 19 e 20, ver Mendonça (2008), Xavier e Gomes Filho (2020) e Oliveira (2020), entre outros.

das dificuldades impostas à jornada do “herói-missionário”, de forma que quanto mais aguerrido o desafio, mais engajamento e motivação se esperam produzir nos leitores-membros da IASD. As palavras de Hoeffft (1919, p.13) que encerram o relato ilustram esse viés: “orae por nós, pois a luta prossegue encarniçada”.

Relatos como o de Hoeffft estão por trás da criação de cemitérios adventistas pelo Brasil. Segundo Köhler (2019), no início da obra adventista na América do Sul os pioneiros adventistas, chamados de “protestantes hereges”, “não podiam enterrar seus familiares nos cemitérios da comunidade”, por isso em alguns locais, adventistas tiveram que ser “enterrados no terreno da própria igreja”. Atualmente, há três cemitérios adventistas no Brasil: o Cemitério Adventista de Campo dos Quevedos, em São Lourenço do Sul-RS, Cemitério Adventista da Fazenda Passos, em Rolante-RS, e o Cemitério da Esperança, em Gaspar Alto-SC (KÖHLER, 2019; GOMES, 2019).

4.3. Cemitério como espaço de confirmação de doutrina

O maior grupo de textos do corpus trata os cemitérios como ambientes propícios ao reforço e à confirmação da doutrina adventista. Por trás dessa ênfase há a construção de uma narrativa na qual o consolo dado aos enlutados nos espaços cemiteriais é baseado em uma visão adventista utópica do porvir – catalisada pelo evento da volta de Jesus. Todavia, há também a narrativa na qual o consolo ocorre pelo evitar de um futuro distópico, segundo a escatologia adventista. Essa abordagem futurista, envolvendo elementos escatológicos utópicos ou distópicos, é especialmente presente em obituários, como no exemplo a seguir, na edição de dezembro de 1918.

Ao relatar a morte de quatro fiéis vítimas da Influenza e frequentadoras da IASD no Rio de Janeiro, que era a capital do Brasil na época, a narrativa obituária procura trazer conforto mediante dois recursos textuais. O primeiro deles é a descrição elogiosa da vida de fé das falecidas, ao mencionar que elas “estavam servindo ao Senhor fielmente, obedecendo à Sua mensagem e gosando a estima dos irmãos desta Capital” (KUEMPEL, 1918, p. 18). O segundo recurso é o consolo escatológico, isto é, quando a mensagem de conforto diante da perda e do luto dá ênfase à esperança trazida por eventos no “fim dos tempos”. No caso do obituário em questão, o consolo escatológico ocorre pela crença no grande evento utópico da segunda vinda de Cristo, como segue: “Nossa esperança é tornar a ver os rostos queridos no dia feliz da vinda gloriosa do Príncipe da vida” (KUEMPEL, 1918, p. 18). Assim, o texto da *Revista Mensal* apoia-se na crença apocalíptica como certeza do reencontro corpóreo e literal com os queridos que se foram. Essa perspectiva antropológico-soteriológica é bastante comum nos discursos fúnebres relatados nos obituários, de forma que a expectativa da concretização de um futuro utópico se torna a base para a acolhida e o consolo durante os ritos fúnebres.

Dentro da perspectiva do consolo escatológico, observa-se no corpus analisado também a influência de um cenário escatológico distópico. Sob essa ótica, o conforto ao enlutado se dá pela ênfase de que o passamento pouparia o falecido de viver um cenário futuro opressor e aterrorizador previsto na escatologia adventista: a perseguição. Para a denominação, próximo à volta de Jesus ocorrerá uma união entre o catolicismo romano e as igrejas protestantes sob liderança dos Estados Unidos, em uma aliança Igreja e Estado que ferirá a liberdade religiosa em alcance global. Nesse contexto, a escatologia adventista prevê que uma lei dominical será imposta à sociedade, desrespeitando a liberdade de consciência. O resultado será uma perseguição deliberada àqueles que se recusarem a observar o domingo como dia de guarda, estando entre os perseguidos, os adventistas guardadores do sábado, como White (2013, p. 517) descreve abaixo.

Os dignitários da Igreja e do Estado unir-se-ão para subornar, persuadir ou forçar todas as classes a honrar o domingo. A falta de autoridade divina será suprida por legislação opressiva. A corrupção política está destruindo o amor à justiça e a consideração para com a verdade; e mesmo na livre América do Norte, governantes e legisladores, a fim de conseguir o favor do público, cederão ao pedido popular de uma lei que imponha a observância do domingo. A liberdade de consciência, obtida a tão elevado preço de sacrifício, não mais será respeitada.

A perseguição, segundo a narrativa adventista, se intensificará de forma que os que se recusarem a honrar o descanso dominical, “serão lançados na prisão, exilados, e outros tratados como escravos” (WHITE, 2013, p. 531). Sendo o sábado um ponto focal na escatologia adventista, acredita-se que a minoria que se recusar a adotar a observância do sábado será “objeto de ódio universal”, uma vez que ela será acusada de “acarretar juízos sobre o mundo”, sendo considerada como “a causa das terríveis convulsões da Natureza, da contenda e carnificina entre os homens, coisas que estão enchendo a Terra de pavor” (WHITE, 2013, 535 e 536). Sob a perspectiva da perseguição, no texto abaixo chamada de “tempo de tribulação”, White (2004, p. 187) comenta que a grande aflição futura pode ser motivo pelo qual alguns crentes não teriam preces por cura e restauração ouvidas, tendo que enfrentar o passamento.

Nem sempre é prudente suplicar cura incondicional. [...] Ele [Deus] sabe se aqueles em favor de quem se fazem petições seriam capazes de suportar a aflição e a prova que sobre eles viriam caso vivessem. Conhece o fim desde o princípio. Muitos serão levados a repousar antes que a prova de fogo do tempo de tribulação venha sobre o nosso mundo.

O obituário que ilustra essa lógica é datado de fevereiro de 1919, e registra o falecimento de uma senhora de 39 anos, “ceifada pela cruel Influenza Hespanhola”. O autor do registro afirma: “embora a morte seja um caso triste, devemos, contudo, alegrar-nos, sabendo que os que baixam já ao túmulo estarão isentos da perseguição final” (RABELLO, 1919, p. 15). Esse cenário distópico da escatologia adventista, temido no imaginário da membresia, é retratado, portanto, como legítimo consolo escatológico no discurso e práticas fúnebres adventistas.

5. Considerações finais

A partir do estudo do papel desempenhado pela figura do cemitério nos relatos missionários, notícias e obituários da *Revista Mensal*, órgão oficial da IASD no Brasil, permitiu conhecer e compreender como o conjunto de crenças distintivas a respeito da morte e do porvir foi articulado com os rituais fúnebres durante um período de aumento de falecimentos e crise social-sanitária gerados pela Gripe Espanhola de 1918 a 1920.

Dada a vocação apocalíptica e missionária da tradição adventista, o cemitério é retratado no corpus analisado como espaço favorável ao evangelismo, em especial para a difusão da crença adventista sobre o estado de inexistência dos mortos. A crise pandêmica, fenômeno que intensifica o aumento de sepultamentos e visitas a cemitérios, resulta em um discurso editorial que conclama os membros-leitores a espalhar a mensagem aos enlutados que sofrem por não conhecerem a doutrina adventista acerca da morte e da ressurreição dos mortos na volta de Jesus.

Também há espaço para tratar o cemitério como espaço de conflitos religiosos, especialmente no contexto da disputa entre catolicismo e protestantismo, muito presente à época. Esse cenário se demonstrava nas tensões que envolviam o direito de sepultamento em necrópoles em uma época na qual o processo de secularização dos cemitérios, ainda que consolidado em termos jurídico-legais, pudesse apresentar falhas em determinadas geografias. Narrativas que tratam o cemitério como espaço de disputa religiosa estão por trás da gênese dos – poucos – cemitérios adventistas no Brasil, geralmente construídos a partir dos terrenos de igrejas no Sul do país.

Nos textos da Revista Mensal analisados, destacam-se a importância da crença no retorno de Jesus e na ressurreição dos mortos para a elaboração e consolidação de narrativas de conforto e esperança aos enlutados a partir do anseio por um futuro utópico (Céu) ou pelo alívio em se evitar um cenário profético distópico (a perseguição). Nesse sentido, o cemitério desempenha um papel de confirmação da doutrina adventista, na qual o foco em um consolo escatológico compete com ênfases tidas como mais convencionais na contemporaneidade, baseadas na promoção dos sentidos de memória e legado do falecido.

6. Referências Bibliográficas

- ABREU JUNIOR, Laerthe; CARVALHO, Eliane. O discurso médico-higienista no Brasil do início do século XX. *Trabalho, educação e saúde*. Rio de Janeiro: v. 10, n. 3, p. 427-451, nov. 2012.
- ANDRADE JÚNIOR, Lourival. “Dos horrores aos humores: os cemitérios no cordel brasileiro”. *Revista M: estudos sobre a morte, os mortos e o morrer*. Rio de Janeiro: v. 2, n. 4, p. 412-437, jul./dez. 2017.
- ANDREASEN, Niels-Erick. Morte: origem, natureza e erradicação. In: *Tratado de Teologia: Adventista do Sétimo Dia*. Tatuú: Casa Publicadora Brasileira, 2011, p. 353-389.
- BACCHIOCCHI, Samuele. *Imortalidade ou ressurreição?* Uma abordagem bíblica sobre a natureza humana e o destino eterno. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2007.
- BARRY, John. *The Great Influenza: The Epic Story of the Deadliest Plague in History*. New York: Viking, 2004.
- BENEDICTO, Marcos. A trajetória de Sinais. *Sinais dos Tempos*. Tatuú: ano 7, n. 3, nov./dez. 2003.
- BREITNAUER, Jaime. *The Spanish Flu Epidemic and its Influence on History: Stories from the 1918–1920 Global Flu Pandemic*. Yorkshire: Pen and Sword History, 2019.
- BRUNT, John. Ressurreição e glorificação. In: *Tratado de Teologia: Adventista do Sétimo Dia*. Tatuú: Casa Publicadora Brasileira, 2011, p. 390-420.
- BULL, Malcolm; LOCKHART, Keith. *Seeking a Sanctuary: Seventh-day Adventism and the American Dream*. Bloomington: Indiana University Press, 2007.
- CAMPBELL, Michael. Adventists and the 1918 Influenza Pandemic: What can we learn?. *Adventist Review*. Silver Spring: 27 de março de 2020. Disponível em: <https://www.adventistreview.org/adventists-and-the-1918-influenza-pandemic>. Acesso em: 24 de fev. de 2021.
- COSTA, Maria Clelia. O discurso higienista definindo a cidade. *Mercator*, Fortaleza, v. 12, n. 29, p. 51-67, set./dez., 2013.
- CROCKETT, William (ed.). *Four views on Hell*. Grand Rapids: Zondervan, 1996.
- CULLMANN, Oscar. *Immortality of the soul or resurrection of the dead?* The witness of the New Testament. Oregon: Wipf & Stock, 2000.
- DANIELS, A. G. An Occasion for Earnest Intercession. *Review and Herald*. Silver Spring: 24 de out. de 1918.

FIRTH, Raymond. *The Body in the Sacred Garden*. In: *The Secret Cemetery*. New York: Berg, 2005.

FOLLIS, Rodrigo. *Memória, mídia e transmissão religiosa: estudo de caso da Revista Adventista (1906-2010)*. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo – Umesp. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo-SP, 2017. 231 f.

REIS, F. V.M. DE. *Política e religião: o envolvimento dos católicos carismáticos na política brasileira*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. São Carlos/SP, 2011. 120 f.

FARIAS, Michelle. Jovens adventistas de AL distribuem livros religiosos no Dia de Finados. *G1*, 2 de nov. de 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2014/11/jovens-adventistas-de-al-distribuem-livros-religiosos-no-dia-de-finados.html>. Acesso em: 21 de Mar. de 2021.

FURTADO, Kevin. *Adventistas: Representações Escatológico-Sabático-Dietéticas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

GENERAL CONFERENCE COMMITTEE MINUTES, 412. 11 de outubro. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/>. Acesso em: 13 de junho de 2020.

GENERAL CONFERENCE COMMITTEE MINUTES, 636. 28 de março. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/>. Acesso em: 13 de junho de 2020.

GOMES, Marcio. Museus adventistas ao redor do mundo. *Revista Adventista*, 15 de jan. 2019. Disponível em: <https://www.revistaadventista.com.br/da-redacao/destaques/museus-adventistas-ao-redor-do-mundo/>. Acesso em: 21 de Mar. de 2021.

GOULART, Adriana. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v.12, n. 1, p. 101-142, 2005.

GREENLEAF, Floyd. *Terra de Esperança: o Crescimento da Igreja Adventista na América do Sul*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

GUIA PARA MINISTROS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

GUYEN, Chanchal. Facing missiological challenges by understanding Hinduism's approach to ancestors. *Journal of Adventist Mission Studies*, v. 16, n. 1, p.142-155, 2021.

HEALTHCARE SERVICES INTERCULTURAL GUIDE: responding to the needs of diverse religious communities and cultures in healthcare settings. Dublin, Ireland: Health Service Executive/Soul Media, 2009.

HOEFFT, H. Theophilo Ottoni. *Revista Mensal*. São Bernardo Campo: abr. 1919, p. 12-13.

HOSOKAWA, Elder et al. A percepção da Influenza em periódicos adventistas (1918–1920). Trabalho apresentado no *VIII Congresso Internacional em Ciências da Religião*, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2016.

HUTCHISON, William. *Errand to the World: American Protestant Thought and Foreign Missions*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

IBGE. São Gonçalo do Rio Preto, s/d. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-goncalo-do-rio-preto/historico>. Acesso em: 21 de Mar. de 2021.

KELLER, Eva. *The road to clarity: Seventh-day Adventism in Madagascar*. New York: Palgrave MacMillan, 2005.

KNIGHT, George. *Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia*. Tatuú: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

KÖHLER, Erton. Lugares de esperança. *CPB Mais*, 2 de nov. 2019. Disponível em: <https://mais.cpb.com.br/meditacao/lugares-de-esperanca/>. Acesso em: 21 de Mar. de 2021.

KOLATA, Gina. *Flu: The Story of the Great Influenza Pandemic of 1918 and the Search for the Virus that Caused It*. New York: Touchstone, 1999.

KUEMPEL, F. R. Obituários. *Revista Mensal*. São Bernardo do Campo: dez. 1918.

MELO, José; ASSIS, Francisco. Gêneros e Formatos Jornalísticos: um Modelo Classificatório. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 39, n.1, p. 39-56, 2016.

MENDONÇA, Joêzer. *A Mensagem na Música: Estudos da Teomusicologia sobre os Cânticos dos Adventistas do Sétimo Dia*. Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista, 2014.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2008.

MINAS GERAIS. Livro da lei mineira. 30 de out. de 1911, pág. 10, col. 1. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=LEI&num=556&comp=&ano=1911>. Acesso em: 21 de Mar. 2021.

MOFFETT, W. C. Opportunity to reach hearts. *The Ministry*, v. 13, n. 5. Washington: may, 1940.

MUKUKA, Christopher. Funeral rituals and practices: the quest for missiological approaches of witnessing to Mwami Church members in Zambia. *Journal of Adventist Mission Studies*, v. 16, n. 1, p. 108-121, 2021.

NOVAES, Allan. The End Has (Not Yet) Come: the 1918 Spanish Flu and the COVID-19 Pandemic in a Brazilian Seventh-day Adventist Bulletin. *Studies in World Christianity*, v. 27, n.1, p. 26-47, 2021.

_____. “Uma breve história da cultura visual adventista nos anos 1830 a 1860: o uso de imagens religiosas por um movimento de orientação textocentrada”. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião, Juiz de Fora*, v. 21, n.1, p. 38-61, jan./jun., 2018.

NOVAES, Allan; CARMO, Felipe. As Histórias em Quadrinhos e o Adventismo Brasileiro: Conflitos e Aproximações na Revista Adventista (1952-2017). In: *Adventismo em Quadrinhos: as Relações Entre a Igreja Adventista e a 9ª arte*. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2017, p. 76-115.

NOTÍCIAS ADVENTISTAS. Adventistas levam esperança em feriado de finados, 4 de nov. 2013. Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/adventistas-levam-esperanca-feriado-finados/>. Acesso em: 21 de Mar. 2021.

- PAROSCHI, Wilson. Death as Sleep: The (Mis)use of a Biblical Metaphor. *Journal of the Adventist Theological Society*, v. 28, n. 1, p. 26-44, 2017.
- PETRUSKI, Maura Regina. A cidade dos mortos no mundo dos vivos – os cemitérios. *Revista de História Regional*, v. 11, n. 2, p. 93-108, 2006.
- PHILIPS, Howard; KILLINGRAY, David. Introduction. In: *The Spanish Influenza Pandemic of 1918–19: New perspectives*. New York: Routledge, 2003, p. 1-25.
- QUEIROZ, Renato. As epidemias como Fenômenos Sociais Totais: o Surto de Gripe Espanhola em São Paulo (1918). *Revista USP*, v. 63, p.64-73, 2004.
- RABELLO, Oliveira. Obituario. *Revista Mensal*. São Bernardo do Campo: fev. 1919.
- REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil no século XIX*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1991.
- REVISTA MENSAL. Signas dos tempos para o mez de novembro. São Bernardo do Campo: nov. 1920.
- REVISTA MENSAL. Algo de summa importância. São Bernardo do Campo: jul.1920.
- REVIEW AND HERALD. Spanish Influenza. Washington: 17 de out. de 1918.
- RODRIGUES, Cláudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (Séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- _____. A criação dos cemitérios públicos do Rio de Janeiro enquanto “campos santos” (1798-1851). *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 8, p.257-278, 2014.
- RUBLE, W. A. After Influenza, What? *Review and Herald*. Washington: 31 de out. de 1918.
- SCHUNEMANN, Haller. A inserção do Adventismo no Brasil através da comunidade alemã. *Rever: Revista de Estudos de Religião*, São Paulo, n. 1, p. 27-40, 2003.
- SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa. *A bailarina da morte: a Gripe Espanhola no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- SEMMLER, Jonathan; DAROS, Sônia. A construção discursiva do obituário brasileiro no jornal a Folha de S. Paulo. *Forum Linguistic.*, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 3001-3016, abr./jul., 2018.
- SILVA, Eliane. Missionárias Protestantes Americanas (1870–1920): Gênero, Cultura, História. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, v. 3, n.9, p. 21-40, 2011.
- STEEN, Thomas. O Seminário Adventista. *Revista Mensal*. São Bernardo do Campo: ago. 1920.
- SPIES, F. W. Obituarios. *Revista Mensal*. São Bernardo do Campo: set. 1919.
- SPINNEY, Laura. *Pale Rider: The Spanish Flu of 1918 and How It Changed the World*. New York: Public Affairs, 2017.
- TONETTI, Marcio. Compartilhe no Dia de Finados. *Revista Adventista*, nov. 2017. Disponível em: <https://www.revistaadventista.com.br/marcio-tonetti/destaques/compartilhe-no-dia-de-finados/>. Acesso em: 21 de Mar. de 2021.
- OLDSTONE, Michael. *Viruses, Plagues, and History: Past, Present, and Future*. New York: Oxford University Press, 2010.
- OLIVEIRA, Gledson. Identificar, acusar, expulsar: rivalidades e enfrentamentos religiosos no Brasil (1900-1960). *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 34, n.1, 2020.

XAVIER, Joelma; GOMES FILHO, Robson. Protestantismo vs. Catolicismo: o conflito religioso em Goiás e a fundação da cidade de Cristianópolis. *Revista Nós: Cultura, Estética e Linguagens*, v. 5. n. 1, 2020.

WHITE, Ellen. *Eventos finais*. Silver Spring: Ellen G. White Estate, 2004. Disponível em: <http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Eventos%20Finais.pdf>. Acesso em: 19 de março de 2021.

_____. *O grande conflito*. Silver Spring: Ellen G. White Estate, 2013. Disponível em: <https://www.unasp.br/ec/sites/centrowhite/wp-content/uploads/2019/02/O-Grande-Conflito.pdf>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2021.

_____. *Ministério pastoral: conselhos aos pastores adventistas*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.